

■ RELIGIÃO *Educação* Mestres ou marginais?

Dom Marcos Barbosa *

No JORNAL DO BRASIL de 11 do corrente, 32 escolas católicas comunicam à população que “se as autoridades governamentais não levarem em consideração as necessidades da escola católica, para que esta possa cumprir seus compromissos presentes e futuros, sejam eles pedagógicos ou financeiros, reiteramos a imensa preocupação que nos aflige com relação à manutenção de nossas instituições educacionais. Ou o nosso país não precisa mais da escola particular e católica?”

Em geral, quer pelo Ministério da Educação quer pelos pais de alunos, os religiosos estão sendo tão injustamente julgados que o presente desafio — o fechamento de suas escolas — pode parecer-lhes apenas uma fanfarronada. Mas gostaria de dizer a ambos que se cuidem.

Para quem vê as coisas superficialmente, religiosos e religiosas não passam de professores. O que constitui um grave engano. Mesmo aquelas congregações fundadas expressamente para serem educadoras, como é o caso dos Maristas e dos Lassalistas, não consideram a educação o supremo ideal dos seus membros. Ninguém entra para uma ordem ou uma congregação para ser professor, mas, isto sim, por um amor absoluto a Deus, para cujo pleno desempenho fazem os votos de pobreza, de castidade e de obediência. Quem sentisse em primeiro lugar uma vocação irresistível para o magistério, não precisaria fazer-se religioso, pois poderia desempenhar suas funções onde quisesse, quando quisesse e como quisesse, não estando submetido às ordens de um superior. O desejo de servir ao Senhor, servindo, por seu amor, ao próximo, é que tem levado tantas congregações religiosas, sobretudo no Brasil, a se dedicarem parcial ou exclusivamente ao ensino, muito mais na esperança de transmitir aos alunos certos valores do que de garantirem a própria subsistência.

Tomemos, por exemplo, o Colégio e a Ordem de São Bento, que conheço melhor. São Bento, no século VI, não fundou uma ordem de professores, longe disso, pois até os analfabetos eram admitidos: os monges não seriam necessariamente sacerdotes, mas cristãos que desejavam viver em comunidade, como os da Igreja primitiva, louvando a Deus pelas várias horas do dia e vivendo do trabalho de suas mãos. Surgidos justamente quando ruía o Império Romano, os monges não eram missionários no sentido que esta palavra veio a adquirir. Mas, espalhados pelos campos, pois buscavam paz e silêncio e era a agricultura o seu trabalho mais frequente, puderam ensinar aos bárbaros nômades, que vinham até eles, o cultivo da terra, que os fixava em torno dos mosteiros, dando origem a verdadeiras cidades: Como lhes ensinavam também as Letras e o Evangelho. Por isso mesmo São Bento foi honrado por Paulo VI com o título de “Pai de toda a Europa”. A principal função dos monges era o louvor a Deus, e não tantas e várias atividades secundárias que foram assumindo de acordo com as condições de tempo e lugar.

Os dois monges que chegaram ao Rio, exatamente há quatro séculos, não vieram para fundar um colégio, mas uma Casa de Oração. Tanto que não quiseram ficar na atual Praça Quinze, onde a cidade surgia, mas procuraram, bem longe dela (julgavam) o atual morro de São Bento. E se o Governo e o Progresso não lhes fossem tomando as terras em volta, onde hoje se encontram várias ruas, como a Dom Gerardo, São Bento, Beneditinos, Visconde de Inhaúma e a própria praça Mauá, é bem possível que estivéssemos ainda cultivando em paz as nossas hortas.

O nosso Colégio decorreu então de uma prestação de serviços mais condizentes com um mosteiro no coração de uma cidade, mas de modo algum é a razão de ser de nossa vida, que poderíamos ganhar de muitos outros modos. As Irmãs de São Vicente, que foram entre nós as primeiras religiosas de vida ativa, trazidas por Pedro II para educar as jovens de então e que até hoje mantêm vários colégios, teriam (e já têm), se os fechassem, muitas outras tarefas, mais consentâneas até com suas origens. Se fechassem seus colégios poderão ganhar a vida de mil modos e dispensarem aos pobres todo o tempo que lhes restar. Aliás algumas congregações de renome fecharam depois do Concílio os seus colégios (o que não sei se terá sido prudente) ou diminuíram o número de alunas para entregarem-se a tarefas que julgavam mais urgentes.

Lula prometia acabar com a escola particular em 10 anos. Collor reagiu a isso no último debate. Se entramos numa fase de economia de mercado, por que não poderão as escolas particulares estabelecer os preços que julgam necessários para se manterem? Os pais e professores é que decidiriam se lhes convém ou não a proposta.

Que estímulo terão os religiosos e religiosas, com a capacidade que quase todos possuem de ganharem de outra forma o sustento de sua Comunidade, se não virem reconhecidos os seus esforços? Se já não se sentirem capazes de encarar os alunos, que os vêem tratados pelos pais e as autoridades como gananciosos comerciantes e casos de polícia?

NOTA — A TV Manchete está apresentando a história de um personagem que nunca existiu: a escrava Anastácia, inventada pelo finório e finado Yolando Guerra. Mas, se vai ter muito sexo, como prometem, pra que História?

* Membro da Academia Brasileira de Letras